




O sionismo manobra com acordo de paz enquanto *massacra mais crianças, mulheres e homens palestinos*

É preciso derrotar o sionismo e o imperialismo impondo aos governos a *ruptura total com Israel no mundo todo*

Cessar fogo incondicional já! Fora o sionismo e o imperialismo da Palestina! Palestina Livre do Rio ao Mar!

Manifesto PPRI

 O governo genocida de Netanyahu tem manobra-
do com a possibilidade de
um acordo de cessar fogo em Gaza
proposto pelos Estados Unidos.
A principal alegação é a de que o
acordo preserva o Hamas, principal
força política e militar na região. E
continua enfrentando a pressão
da população de seu país quanto
à liberação dos judeus mantidos
presos pelo Hamas desde 7 de ou-
tubro. Mas, e isso é a essência de
sua política, mantém e aprofun-
da o genocídio dos palestinos. A
explosão de bombas incendiárias
de um acampamento de refugia-
dos em Rafah, há alguns dias, foi
seguida de mais e mais ataques.
O bombardeio de uma escola da
ONU em Nuseirat, mais ao centro
da Faixa de Gaza, com centenas de
crianças e refugiados, matou mais
de 40 imediatamente, sem contar
os gravemente feridos. Somente
na primeira semana de junho, o
hospital Deir Al Balah recebeu 70
mortos e mais de 300 feridos por
bombardeios israelenses, e tem de

recebê-los sem os suprimentos ne-
cessários, por causa dos bloqueios
impostos pelo sionismo.

A prática sionista não indica ne-
nhuma disposição para um acordo
de cessar fogo. A manutenção dos
bombardeios sistemáticos prova
que o enclave do imperialismo está
bem alimentado de armas e muni-
ções, na sua esmagadora maioria
fornecidas pelos mesmos Estados
Unidos que apresentam a proposta
de “acordo de paz” – fato compro-
vado pela emissora CNN, de quem
não se pode esperar nada em favor
dos palestinos. Não devemos des-
conhecer as atitudes de governos
que posam de pacifistas diante das
câmeras e microfones, mas man-
têm viva a rede de artérias que en-
viam os suprimentos que garantem
a preservação do genocídio.

A proposta dos EUA é formada
por 3 fases: 1) retirada das tropas
israelenses por 6 semanas, duran-
te as quais haveria libertação gra-
dativa de presos pelo Hamas; 2) a
segunda fase seria a negociação
de um acordo de paz definitivo,

durante o qual se manteria um
cessar fogo – ponto já rejeitado
por Israel; 3) reconstrução do ter-
ritório palestino.

Mas desde a 1ª fase, onde seria
negociada a troca de prisioneiros,
Israel já poderia romper o acordo e
reativar o massacre dos palestinos.
E, note-se, a troca de prisioneiros e
o cessar fogo teria de ser negociado
pelo Hamas, que Israel prometeu
extinguir por meio do genocídio. A
negativa de Israel em manter o ces-
sar fogo na 2ª fase é uma promessa
de retomada do massacre sobre os
palestinos, assim que forem liber-
tados todos os reféns.

A proposta de acordo tem por
objetivo, de um lado, manobrar
para tentar fazer com que os mo-
vimentos das massas em favor
dos palestinos em todas as partes
do mundo recuem, e deixem de
pressionar os governos de cada
país em favor da ruptura total de
relações com o enclave dos EUA
no Oriente Médio. De outro, para
tentar acobertar sua ofensiva ge-
nocida sobre os refu- continua |>

giados em Rafah e em toda a Faixa de Gaza. Certamente, uma parte dos movimentos está inebriada e subordinada à “tentativa” de acordo projetada por justamente quem tem bloqueado há 8 meses todas e quaisquer tentativas de acordos na ONU e em outros organismos internacionais. E que acaba de impor restrições ao Tribunal Penal Internacional por ter condenado os sionistas Netanyahu e Gallant por crimes de guerra.

É certo que os EUA apresentaram uma proposta de acordo de paz como resultado da pressão mundial e também em seu próprio país. Mas a enviam ao Oriente Médio no mesmo pacote em que postam as armas e munições que fomentam o genocídio.

São válidas e importantes todas as declarações e posicionamentos contra Israel e o genocídio. Mas se tornam em inconsequentes e até demagógicas/hipócritas se não são acompanhadas de ações, atitudes, que na prática estrangulem o Estado genocida de Israel. As rupturas e rebaixamentos diplomáticos, rupturas acadêmicas, etc., embora sejam passos nessa direção, também não são suficientes para sabotar a ofensiva militar que massacra milhares de crianças, mulheres e idosos em Gaza. São necessárias as rupturas econômicas, comerciais. E isso se traduz em reivindicações dirigidas aos governos, sejam eles de que parte do espectro político ideológico forem. E serão conquistados pelo aumento e radicalização dos movimentos de massa, nas ruas.

Também se colocam no sentido do estrangulamento das ações genocidas, o bloqueio de portos e aeroportos, como já realizado em alguns países, e a paralisação ou demolição de fábricas de insumos militares para Israel, como já foi feito na Inglaterra, e são os movimentos mais efetivos para impor o cessar fogo.

As massas estão nas ruas no mundo inteiro, ao lado dos palestinos, como nunca estiveram de conjunto. Essa é uma conquista da resistência palestina, que enfrenta os genocidas todos os dias, com as armas que tem em mãos. São 8 meses em que Israel não conseguiu impor seus objetivos militares, mesmo tendo a maior força armada mundial, a dos EUA, por trás de si.

O momento é de aumentar a pressão e impor o estrangulamento ao sionismo. Reforçar as manifestações de rua, ir às fábricas e chamar o apoio dos operários, parar as aulas nas universidades e levar a juventude às ruas e ao enfrentamento permanente pelas reivindicações que levam ao fim do genocídio.

Enganam-se os que pensam que as eleições poderão de alguma forma alterar o curso da ofensiva militar genocida. As guerras na Ucrânia e na Palestina correspondem aos mesmos interesses do imperialismo estadunidense, e são parte de sua ofensiva de destruição das forças produtivas do mundo todo, em particular da China e da Rússia, diante da crise econômica mundial, que permanece ao longo dos anos, sem solução e se aprofundando. A crise capitalista obriga as burguesias em toda parte a tomarem medidas de ataques às condições de vida e trabalho das massas, e isso o fazem por meios repressivos e autoritários, no interior da democracia burguesa, que é usada justamente para cumprir esses objetivos. Em nenhuma parte, a burguesia está caminhando para políticas progressivas, tem necessariamente de ir para a direita e extrema direita. Isso se reflete nas eleições, com parlamentos dominados por reacionários, e ora elegendo monstros fascistas, ora elegendo nacionalistas/esquerdistas absolutamente subordinados ao capital financeiro internacional.

As políticas das direções das organizações das massas respondem

ao avanço da direitização da burguesia e de seus governos com o terror eleitoral. Anulam as reivindicações e os métodos da luta de classes, apontados como formas de amedrontar a classe média, e procuram desviar as massas para o cadafalso das eleições. O resultado se vê em toda parte. Os governos vão impondo as medidas de ataques às massas sem resistência organizada. Com isso, avançam nas medidas de ataques e fortalecem as forças de direita e extrema direita. O resultado da negação das reivindicações e métodos de luta dos explorados é que permite na prática o avanço da extrema direita. O engodo da farsa eleitoral permite que a burguesia cada vez mais direitizada amplie suas medidas de ataques às massas.

Contra essa farsa, é preciso fortalecer a luta de classes, as manifestações de rua, etc. São esses os métodos que permitem fazer de fato o combate à burguesia direitista e defender os palestinos e os explorados dentro de nosso próprio país.

“

...

***Viva a resistência palestina!
Viva a luta das massas ao
lado dos palestinos
no mundo todo!***

***Cessar fogo já,
incondicional! Estrangular o
sionismo que massacra
os palestinos!***

***Palestina Livre do Rio
ao Mar! Fim do estado
de Israel! Fora o sionismo
e o imperialismo
do Oriente Médio!***

***Nada de confiar nas
eleições! Luta de classes
para derrotar o sionismo e a
burguesia em toda parte!***